

Cidadania e Escola

**Medianeira da Graça Weyh*

RESUMO

O presente texto pretende tecer algumas considerações sobre a importância da educação no mundo globalizado. Uma das grandes preocupações dos educadores incide no papel que a escola deverá desempenhar para acompanhar, de forma crítica e construtiva, a evolução técnico-científica. Entende-se que a educação de qualidade é direito do cidadão, independente da classe social a que pertença. A competência do aluno se constrói na medida em que o professor fizer de sua sala de aula um verdadeiro laboratório de construção e reconstrução do conhecimento, na dinâmica contínua do aprender a aprender, assumindo não mais a postura de professor "auleiro", mas de alguém que o orienta, coordena, desafia e desperta a curiosidade do educando. É tarefa da escola instrumentalizar técnica e cientificamente os alunos. Cabe à escola e ao professor, em seu trabalho pedagógico, resgatar as raízes histórico-culturais dos diferentes grupos que compõem a sociedade em nível local e regional. Isso demanda uma formação geral sólida, mas também uma formação específica para a inserção do homem no mundo do trabalho. O resgate da cidadania passa pela qualidade

* Prof do Departamento de Ciências Humanas - URI Campus de Santo Ângelo.

do trabalho pedagógico realizado nas escolas, especialmente pela Escola fundamental.

ABSTRACT

The present paper intends to make some considerations on the importance of education in a globalised world. One of the big issues for educators is to evaluate exactly the role of schools in how to keep up with the technical and scientific evolution which is happening now. It is taken for granted that a good education is the right for any citizen, independently of his economic status. The student's competence is built depending on the teacher's ability to turn his classroom into a veritable learning laboratory, and in his ability to stop acting as a "class-giver" but assuming the role of a guide that orients, coordinates, challenges and rouses the student's curiosity. It's up to the school and to the teachers to instruct technically and scientifically the students. It's up to the school and to the teacher, in is pedagogical work, to bring back the historical and cultural roots of the different groups that make up the regional and local society. All this requires a solid general education but also a specific one capable of inserting man in the work market. It is in the early stages of education that a pedagogical endeavor capable of winning the student's hearts as well as their minds must be always present; and it must give them back their hope in the fulfillment of a day-by-day feeling of citizenship.

No limiar do século XXI, uma das grandes preocupações dos educadores incide no papel que a escola deverá desempenhar para acompanhar, de forma crítica e construtiva, a evolução técnico-científica.

Vivemos na era do neoliberalismo e da globalização em que o capital internacional dita as regras a serem seguidas, principalmente pelos países de Terceiro Mundo, no campo político, econômico, social e cultural.

A lógica predominante é a do lucro, da concentração de renda, do consumo e do livre mercado. As conseqüências dessa prática são desastrosas, pois há um aumento crescente do desemprego, gerando a marginalização, a violência e a pauperização da classe trabalhadora; o alto índice de analfabetismo, excluindo as pessoas do mercado de trabalho e da convivência social; o sucateamento da saúde pública com o fechamento de hospitais por falta de verbas; empresas falindo ou pedindo concordata e, no campo educacional, há racionalização de recursos para a manutenção das escolas, bem como a inexistência de uma política de qualificação e atualização docente. O modelo neoliberal não só não consegue resolver esses problemas sociais, como é o principal causador dos mesmos.

A globalização da economia precisa ser acompanhada, também, pela globalização da cultura, da linguagem e da informação. Utilizando-se dos Meios de Comunicação Social, o poder dominante cria, através de programações maciças, principalmente de televisão, desejos e necessidades de consumo; dita normas, comportamentos e valores que vão sendo incorporados pela pessoa humana, desenraizando-a de sua própria cultura colocando em risco a própria identidade individualizada e dos grupos específicos.

Segundo GADOTTI (1999:15), "o que caracteriza especialmente a globalização é a velocidade com que é transmitida a informação". Quando acessamos a Internet, temos ao nosso dispor um cabedal de informações sobre uma variedade de assuntos dos diferentes campos do saber. As fronteiras são abertas, não há mais limite territorial, tomando as nações vulneráveis diante das disputas que o mercado e os grupos dominantes impuseram. O resgate da cultura local e regional significa a resistência e o contraponto ao monopólio de uma cultura única.

É nesse contexto que se situa a escola e seu fazer pedagógico. Cabe a ela dar respostas significativas aos anseios de transformação estrutural da sociedade.

Em primeiro lugar, a escola não deve ser excludente, mas única e igual para todos. O combate à diferenciação que existe entre escolas para ricos e para pobres necessita ser intensificado. O ensino de qualidade é um direito do cidadão, independente da classe social a que o mesmo pertença. Os currículos escolares devem atender às reais necessidades dos alunos, sejam eles do campo ou da cidade, trabalhadores ou não. Como afirma GADOTTI:

"É preciso dar prioridade absoluta aos postergados da educação e às periferias escolares, às escolas pobres, à educação no campo, aos operários, aos assalariados, aos trabalhadores rurais. Não por 'opção preferencial' e populista, mas uma prioridade absoluta. Se quisermos inverter a corrente das injustiças é preciso começar por privilegiar os injustiçados" (1992:22).

Em segundo lugar, a democratização da escola requer práticas participativas de todos os seus segmentos na elaboração, implementação e avaliação de seu Projeto Político-Pedagógico. "Uma escola não são seus currículos, seus alunos, seus professores, não são seus diretores. Uma escola é acima de tudo um conjunto de relações sociais e humanas que vão se construindo" (GADOTTI, 1999:23).

A instituição de ensino, ao possibilitar que pais, alunos, professores, funcionários e a comunidade em geral participem de suas decisões administrativas e pedagógicas, estará contribuindo para a implantação da cidadania plena, que é contrária ao modelo neoliberal que exclui e não integra.

Educar para a cidadania, no aspecto político, é levar o aluno a participar e a tomar suas próprias decisões. Em outras palavras, ter autonomia de pensamento. No aspecto social, significa compreender-se como pessoa que possui direitos e deveres dentro da sociedade e, no campo cultural, implica em levá-lo a respeitar os valores e as diferentes expressões culturais presentes em nosso meio.

Formar cidadãos é uma tarefa para pessoas que vivem e compreendem a cidadania, que fazem de sua experiência uma contínua reflexão, que vislumbram uma sociedade igualitária e uma melhoria de qualidade de vida para todos, que lutam por uma causa e que amam o que fazem, percebendo-se como agentes de transformação. Pedro Demo (1993) é enfático ao afirmar que o professor não pode ser agente da cidadania, sem ser, ele mesmo, cidadão. Sob esse ponto de vista, podemos afirmar que, no processo de transformação da escola, deve-se dar atenção especial ao educador, pois cabe a ele o papel de re-significar o ato pedagógico.

Se compreendemos o ato educativo como um ato formador, cabe à escola e ao professor em particular, educar para a assunção de uma nova ética, diferente da "ética de mercado", formando indivíduos capazes de romper com a lógica da exclusão preponderante em nossa sociedade.

Educar para uma nova ética significa indignar-se com as injustiças sociais, lutar contra a indiferença e defender os direitos humanos. Implica em denunciar tudo o que fere a dignidade humana e se comprometer com o processo de transformação social.

Agimos eticamente quando desfrutamos da natureza sem transgredi-la, quando respeitamos e sabemos conviver com o pluralismo de idéias, quando não fazemos discriminação de raça, cor, sexo, religião ou classe social.

Conforme Paulo Freire (1997), "o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos demais".

A sociedade capitalista prega o individualismo, a concorrência e a competitividade. Em contrapartida, a escola deve propiciar situações de aprendizagem, de vivências, em que valores como a igualdade e a fraternidade sejam experienciados e apropriados pelos alunos. Para tanto, é necessário que educador e educando assumam o papel de protagonistas na construção de uma nova ordem social, onde as relações humanas sejam pautadas pelo respeito mútuo, solidariedade e justiça.

JESUS, ao fazer uma análise da herança cultural de Lenin, afirma que "a escola deveria servir à causa da construção de uma nova sociedade, atuando como instrumento de formação da personalidade de uma novo homem" (1998:50).

Em terceiro lugar, a escola precisa mudar a sua forma de conceber e trabalhar o conhecimento. Conhecer não significa ter o maior número de informações possíveis sobre determinado assunto, mas implica em saber como operar com essas informações, de forma crítica e contextualizada.

Concebendo dessa forma o ato de conhecer, é imprescindível à escola propiciar situações de ensino que levem os educandos a selecionarem e analisarem os dados e informações presentes nos Manuais Didáticos, CD-ROM, Internet e demais Meios de Comunicação Social, transformando-os em conhecimento útil para sua vida e para a humanização da sociedade.

Conforme PIMENTA,

"a escola (e os professores) têm um grande trabalho a realizar com crianças e jovens, que é proceder à mediação entre a sociedade da informação e os alunos, no sentido de possibilitar-lhes, pelo desenvolvimento da reflexão, adquirirem a *sabedoria* necessária à permanente construção do humano" (1997:55).

Para que a mediação seja possível, é necessário que a escola rompa com o paradigma da transmissão e do repasse de informações, para transformar-se em um espaço privilegiado de gestação do conhecimento. Conforme Demo, "o aluno não vai à escola para adquirir conhecimento, ou apropriar-se dele, ou para assimilá-lo, mas

estritamente para reconstruí-lo (...), de apenas escutar, tomar nota e fazer prova, ninguém fica competente" (1998:13).

A competência do aluno se constrói na medida em que o professor fizer de sua sala de aula um verdadeiro laboratório de construção e reconstrução do conhecimento, na dinâmica contínua do aprender a aprender, assumindo não mais a postura de professor "auleiro", mas de alguém que orienta, coordena, desafia e desperta a curiosidade do educando.

No contexto atual é tarefa do educador promover aprendizagens significativas. Dentre essas aprendizagens encontram-se quatro que, segundo o Relatório da UNESCO, são, para o indivíduo, os pilares do conhecimento.

O primeiro pilar é "**aprender a conhecer**". O aluno, ao dominar os instrumentos de produção do conhecimento, será capaz de compreender, de conhecer e de descobrir o meio em que vive, sob seus diferentes aspectos, pois o conhecimento é produzido na sociedade.

Aprender a conhecer envolve também o despertar da curiosidade intelectual e o gosto pela pesquisa, que deve ser estimulado na criança desde a educação básica, perpassando o ensino médio e superior, tendo em vista a formação de um pensamento crítico e autônomo frente à realidade e aos conhecimentos técnico-científicos.

O "**aprender a fazer**" criou um novo sentido na medida em que o progresso técnico fez surgir novos processos de produção, em que a noção de qualificação profissional tomou-se obsoleta, abrindo espaço para a competência profissional, que se dá através da associação do "saber-ser" e do "saber-fazer".

Às escolas e às universidades é dado o desafio de formar profissionais que saibam associar competência técnica a capacidade de se comunicar, de trabalhar em equipe, de gerir e resolver conflitos.

A terceira aprendizagem consiste na capacidade de **"aprender a viver e a conviver com os outros"**. Isso envolve a descoberta progressiva do outro e a participação em projetos comuns, favorecendo a cooperação e a amizade.

A escola deve propiciar vivências nas quais as crianças e os jovens descubram-se a si mesmos, num primeiro momento, para depois compreender o outro, em suas ações e reações. " Desenvolver esta atitude de empatia, na escola, é muito útil para os comportamentos sociais ao longo da vida" (UNESCO, 1998:98)

O **"aprender a ser"** busca desenvolver o indivíduo em seus aspectos físico, cognitivo, afetivo, espiritual e estético.

Segundo o Relatório da UNESCO, "todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida" (1998:99).

Uma educação de qualidade precisa ter como referência o desenvolvimento de capacidades como ensinar o aluno a analisar, sintetizar, e interpretar fatos; acessar e usar melhor a informação acumulada; compreender e atuarem seu contexto social; planejar, trabalhar e decidir em grupo; resolver problemas; comunicar-se,

pesquisare ter raciocínio lógico. Em síntese, levar o educando a pensar, conhecer, construir reconstruindo...

O professor é o principal agente de transformação da prática escolar. A ele cabe a tarefa de promover a mediação entre o aluno e os conhecimentos científicos e tecnológicos existentes.

A função social mediadora só será possível na medida em que o professor efetuar uma releitura de sua praxis situando-a dentro do contexto comunicar-se. Por isso, essas competências precisam ser desenvolvidas e trabalhadas na escola, não para simplesmente produzir mão-de-obra qualificada, mas para abrir novos espaços de produção e participação do indivíduo na sociedade, como cidadão.

Desta forma, é tarefa da escola instrumentalizar técnica e cientificamente os alunos. Isso não significa ensinar os alunos a "apertar parafusos", mas proporcionar uma boa base de cultura geral e, especialmente, ensinar a pensar, para que os mesmos sejam capazes de produzir novas tecnologias e projetar o futuro, tendo em vista a qualidade de vida do homem em suas vivências.

A globalização tomou-nos seres do universo, do mundo em constante comunicação com novas culturas e linguagens. Cabe à escola e ao professor, em seu trabalho pedagógico, resgatar as raízes histórico-culturais dos diferentes grupos que compõem a sociedade em âmbito local e regional, confrontando, assim, a massificação das culturas imposta pela ideologia liberal, expressa nas práticas do livre mercado. Isto demanda não só uma formação geral sólida, como também uma formação específica para a inserção do homem no mundo do trabalho.

BIBLIOGRAFIA

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Qualidade**. Jornal do Alfabetizador. [s.l], ano x, n° 13, p.p 10-15, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 3 ed. SP, Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Projeto político Pedagógico**. Educação em Revista, RS: SINEPE, ano III, n° 13, p.p 14-31,1999.

JESUS, Antônio Tavares de. **O pensamento e a prática escolar de Gramsci**. São Paulo: Autores Associados.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores - Os saberes da docência** IN: SUDBRACK, Edite Maria (Org). III Simpósio Nacional de Educação: Desafios e perspectivas para o novo século. Frederico Westphalen: Ed. URI, 1997.